



I FÓRUM CATARINENSE DAS LICENCIATURAS QUE FORMAM PROFESSORES QUE ENSINAM

MATEMÁTICA

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: ENTRE ENXADAS, LÁPIS, TRATORES E CADERNOS¹

Maria Carolina Machado Magnus, Universidade Federal de Santa Catarina,
maria.magnus87@gmail.com

Resumo:

“Não vou sair do campo para poder ir para escola.

Educação do campo é direito e não esmola”

(Trecho da música “não vou sair do campo” de Gilvan Santos).

Luta e resistência marcam a busca dos sujeitos e das sujeitas do campo pelo direito a uma educação que seja no/do campo, “no: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive. Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada a sua cultura, e suas necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2005, p.27). Afinal, quem são os sujeitos e as sujeitas do Campo? O que define uma Escola do Campo? Quais são as especificidades, singularidades e diversidades desses sujeitos, dessas sujeitas e dessas escolas? Ainda, quem são os professores e as professoras do Campo? Como são “formadas/os” as/os professoras/es que atuam nas escolas do Campo? Consequentemente, quem é e como se constitui o professor/a formador/a de professores/as para as Escolas do Campo? São consideradas, de acordo com decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, como **populações do campo**: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural; e, **escola do campo**: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente as populações do campo. O movimento por uma Educação do Campo começa a ganhar espaços no contexto nacional e, em 2002 é homologado as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo reconhecendo o modo próprio de vida social dos povos do campo. Porém, a discussão em

¹ Mesa-redonda Cinco pontos de vista sobre os cursos de Licenciatura que formam Professores que Ensinam Matemática.



I FÓRUM CATARINENSE DAS LICENCIATURAS QUE FORMAM PROFESSORES QUE ENSINAM

M A T E M Á T I C A

torno de uma Educação para as Escolas do Campo, que contemplasse os anseios dos/as sujeitos/as que ali vivem, não seria efetiva se não levasse em consideração a formação dos/as professores/as. Sendo assim, em 2007, as primeiras experiências-piloto de Licenciatura em Educação do Campo foram realizadas em quatro universidades, por meio de convite do MEC: Universidade Federal de Brasília (UNB), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Sergipe (UFS). Em 2008, devido a demanda de formação de professoras/es para o campo, o MEC lançou editais específicos para que outras universidades ofertassem o curso de Licenciatura em Educação do Campo, atingindo 32 instituições. Em 2009, é instituído o Programa de Apoio as Licenciaturas em Educação do Campo (PROCAMPO) cujo objetivo é apoiar a implementação de cursos regulares de Licenciatura em Educação do Campo nas instituições públicas de ensino superior de todo o país. Ainda, a nível de políticas públicas, de acordo com o decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, em seu artigo sexto, é enfatizado a necessidade da educação do campo atender as especificidades dos sujeitos e sujeitas do campo e “apresentar conteúdos relacionados aos conhecimentos das populações do campo, considerando os **saberes próprios das comunidades**, em **diálogo com os saberes acadêmicos** e a construção de propostas de educação no campo contextualizadas”. A partir das políticas públicas destinadas a educação para essas populações do campo, que objetivam a visibilidade dos saberes próprios das comunidades em diálogo com os saberes acadêmicos e o respeito pela diversidade desses espaços e desses/as sujeitos/as, levanto alguns questionamentos que me inquietam enquanto professora formadora de professores/as que ensinarão matemática nas escolas do campo: como o ensino de Matemática poderia contribuir na superação da subordinação da população do campo à população da cidade? Como dar visibilidade a currículos que privilegiem as diversidades do campo em seus diversos aspectos: sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia? Seria possível pensar em alguma forma de abordagem que possibilite práticas interdisciplinares, superando a disciplinarização dos saberes? Como os sujeitos que vivem no/do campo poderiam ser



I FÓRUM CATARINENSE DAS LICENCIATURAS QUE FORMAM PROFESSORES QUE ENSINAM

M A T E M Á T I C A

reconhecidos enquanto centrais, nas atividades de Matemática? Como dar visibilidade as diferentes racionalidades matemáticas dos povos campestinos? Essas inquietações vêm direcionando e potencializando minha prática docente e minha prática investigativa. Enquanto professora, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal de Santa Catarina, tenho mobilizado meu pensamento para compreender como diferentes sujeitos lidam com o mundo, matematicamente ou não. E, busco ainda, juntamente com meus alunos e alunas, dar visibilidade ao Campo enquanto espaço de produção de saberes. Enquanto pesquisadora, coordeno o projeto de pesquisa intitulado “Modelagem Matemática na Educação do Campo: visibilidade de saberes locais”, que está intrinsecamente entrelaçado as minhas práticas docentes. Minha fala nessa mesa redonda, intitulada “Cinco pontos de vista sobre os cursos de Licenciatura que formam Professores que Ensinam Matemática”, tem por objetivo relatar sobre algumas das discussões e reflexões matemáticas que tenho engendrado, movimentado, articulado e problematizado durante o processo de formação dos/as futuros/as professores/as que ensinarão matemática nas escolas do campo. Para tanto, relatarei duas práticas. **Prática um:** enquanto professora e pesquisadora tenho desenvolvido práticas de ensino e pesquisa com/sobre/a partir da modelagem matemática. Nessas práticas, a modelagem matemática tem sido compreendida enquanto **espaço para discussões sobre as práticas sociais do campo**, considerando os **saberes próprios das comunidades**, e, principalmente, como uma possibilidade para **dar visibilidade as diferentes matemáticas**, que estão, intrinsecamente, ligadas a cultura de cada povo, estabelecendo **diálogo com os saberes acadêmicos**. Para exemplificar: desenvolvi com os/as alunos/as da sexta fase do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal de Santa Catarina, na disciplina de Fundamentos de Ciências da Natureza e Matemática uma atividade que tinha por objetivo analisar situações vinculadas as práticas das(os) próprias(os) alunas(os) a partir dos seus próprios saberes, matemáticos ou não. Dentre as diversas temáticas, me limitarei a citar duas: *produção e venda de bolos* - uma das integrantes do grupo trabalha com produção e venda de bolos recheados e o grupo optou por analisar essa prática a partir do custo, receita e lucro do trabalho desenvolvido pela colega; *produção de moréia* - a família de uma das integrantes do grupo trabalha com a produção e venda de plantas



I FÓRUM CATARINENSE DAS LICENCIATURAS QUE FORMAM PROFESSORES QUE ENSINAM

MATEMÁTICA

ornamentais. O grupo fez o levantamento dos gastos com a produção e, posteriormente, elaboraram modelos matemáticos para o cálculo de custo, receita e lucro de venda de cada planta a partir dos saberes e das práticas dessa família. **Prática dois:** gostaria de relatar sobre a materialização, em forma de livro, de uma atividade de pesquisa realizada por alunos e alunas do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal de Santa Catarina. O livro intitulado “Saberes em Movimento” é constituído por textos elaborados pelos/as alunos/as, a partir de uma pesquisa desenvolvida com sujeitos do campo, sobre suas formas de lidar com o mundo. Os textos apresentam relatos e discussões sobre formas próprias de se enfrentar em cada contexto a necessidade prática de realizar os trabalhos para a reprodução da vida no campo. A necessidade de estimar, de medir, pode ser vista como parte da capacidade humana de projetar, de pré-idealizar e planejar situações. Entretanto, há várias formas possíveis de medir e estimar, também relacionadas a outras racionalidades e a valores para além da “eficiência econômica”, “precisão”, “matematização”, como valores cultuados e característicos da ciência moderna. Para concluir minha fala: essas práticas, aqui relatadas, tem me mostrado que é possível experiências outras com a matemática. E, principalmente, que as inquietações que vem me constituindo enquanto professora e pesquisadora, e das problematizações que venho movimentando nas aulas de matemática e nas investigações, penso que a Educação Matemática na Educação do Campo torna-se um solo fértil para a visibilidade e respeito as populações do campo e de seus diversos aspectos: sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia. Possibilitando, desta maneira, discussões sobre as práticas cotidianas das(os) sujeitas(os) do campo e, principalmente, como a matemática pode possibilitar outros modos de (re)conhecer, (re)ver, (re)analisar, (re)calcular e (re)inventar as diferentes formas de vida campesina. Para finalizar,

A educação do campo do povo agricultor

Precisa de uma enxada de um lápis e de um trator

Precisa educador pra trocar conhecimento

O maior ensinamento é a vida e seu valor.

Dessa história nós somos os sujeitos



I FÓRUM CATARINENSE DAS LICENCIATURAS QUE FORMAM PROFESSORES QUE ENSINAM

MATEMÁTICA

Lutamos pela vida pelo que é de direito

As nossas marcas se espalham pelo chão

A nossa escola ela vem do coração.

Se a humanidade produziu tanto saber

O rádio a ciência e a cartilha do ABC

Mas falta empreender a solidariedade

Soletrar nossa verdade está faltando acontecer.

(Trecho da música “Educação do Campo” de Gilvan Santos)

Palavras-chave: Educação do Campo; Educação Matemática; Interdisciplinaridade; Saberes Locais; Sujeitos do Campo.

Referências:

CALDART, R. S. Elementos para a Construção do Projeto Político Pedagógico da Educação do Campo. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Cadernos Temáticos:** educação do campo. Curitiba: SEED/PR, 2005.